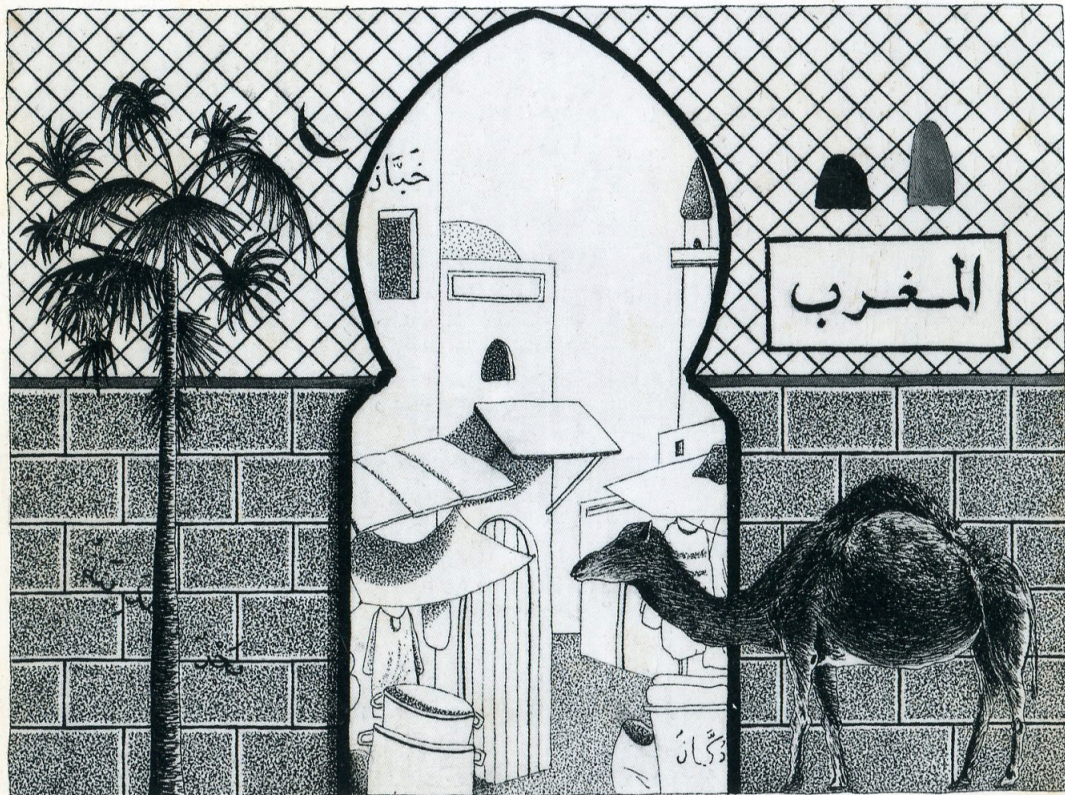


◆ ARZILA ◆  
ESTAÇÃO DE ESPUMA  
TAHAR BEN JELLOUN

TEXTO BILINGUE



Ilustrações de  
LUÍS MANUEL GASPAS



H I E N A E D I T O R A

*Tahar Ben Jelloun, nasceu em Fez, 1944.*

ARZILA: ESTAÇÃO DE ESPUMA  
ASILAH: SAISON D'ÉCUME

TAHAR BEN JELLOUN

Tradução de  
AL BERTO



Ilustrações de  
LUÍS MANUEL GASPAR



---

H I E N A E D I T O R A

Apartado 2481  
1112 LISBOA CODEX

Título original  
ASILAH: SAISON S'ÉCUME

Autor  
TAHAR BEN JELLOUN

Título em português  
ARZILA: ESTAÇÃO DE ESPUMA

Tradução de  
AL BERTO

Ilustrações de  
LUÍS MANUEL GASPAR

Capa e plano gráfico de  
AUGUSTO T. DIAS

© Librairie La Découverte / Maspero  
Tiragem 1000 exemplares  
Lisboa, Maio de 1987

A luz pesou demoradamente sobre a minha memória  
eu estava despedaçado em cima de grãos de areia  
um corpo de tinta  
preso à argila da manhã  
preso à alga intacta  
o dia  
enluvado  
rouba o riso  
às pedras da cidade

La lumière a pesé longtemps sur ma mémoire  
j'étais démembré sur grains de sable  
un corps d'encre  
pris à l'argile du matin  
pris à l'algue vierge  
le jour  
avec des gants  
retire le rire  
aux pierres de la ville



O dia claro  
suspenso  
entre a alba e a pedra  
ergue-se  
dentro da solidão da criança  
que habita a gazela  
e esquece o sonho

Le jour nu  
suspendu  
entre l'aube et la pierre  
haut  
dans la solitude de l'enfant  
qui habite la gazelle  
et désapprend le rêve

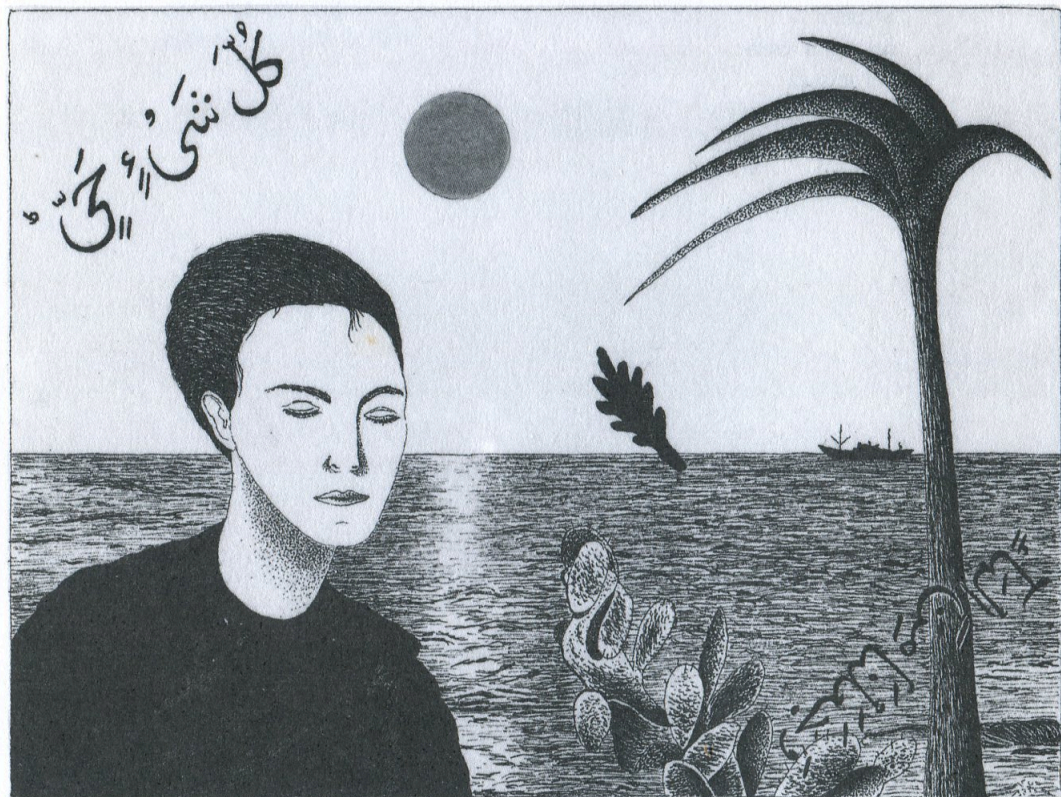
A madrugada roça a vaga  
lambe as botas dos pescadores adormecidos  
desune as mãos calosas do servente de pedreiro  
desperta os seios nus das raparigas que amassam pão  
e afasta-se para o céu  
onde crianças magoadas  
andam à procura de lume

Le jour neuf frôle la vague  
lèche les bottes des pêcheurs endormis  
écarte les mains calleuses du manœuvre  
il réveille les seins nus des jeunes filles qui font du pain  
et se retire dans le ciel  
où des enfants blessés  
cherchent du feu



Terra necessitada  
terra sitiada  
coração cheio de calcário pulverulento  
o amor ausente  
no silêncio da tumba  
branca a lápide da memória  
o vento  
devolve a onda  
e a criança  
de olhos negros  
negríssimos  
sorri

Terre pauvre  
terre enceinte  
un cœur plein de farine  
l'amour ailleurs  
dans le silence de la tombe  
blanche la pierre du souvenir  
le vent  
retourne la vague  
l'enfant  
aux yeux noirs  
très noirs  
sourit



O dia  
apesar do destino  
segura a vaga e o vento  
numa só mão  
sobre os muros  
onde o riso entalhou nossas pegadas  
avancamos  
para a morada do mar  
e o azul do véu  
a noiva  
corre sobre a água  
nua sob a espuma

Le jour  
malgré l'étoile  
tient la vague et le vent  
dans une même main  
sur des murs  
où le rire a gravé nos empreintes  
nous avançons  
pour le siège de la mer  
et le bleu du voile  
la mariée  
court sur l'eau  
nue sous l'écume



Um copo de chá em cima da esteira  
o vento traz novamente a nuvem azul  
extraviada no bosque  
os velhos falam do passado  
os jovens falam pouco  
fumam e riem  
o céu afasta-se das areias

Un verre de thé sur la natte  
le vent ramène le nuage bleu  
égaré dans le bois  
les vieux parlent du passé  
les jeunes parlent peu  
fument et rient  
le ciel s'éloigne des sables



As raparigas  
de ruiva cabeleira  
esperam  
a alma velada  
lêem no horizonte do mar  
por trás do véu branco da ilusão  
o limite e os perfumes das areias  
recostadas sobre os meandros  
azuis do vento norte  
pardais  
perdem-se em suas cabeleiras  
entrançadas de paciência

Les filles  
à la chevelure rouge  
attendent  
l'âme voilée  
elles lisent la ligne de la mer  
derrière le voile blanc du songe  
l'enceinte et les parfums des sables  
allongées sur les méandres  
bleues de la bise  
des moineaux  
se perdent dans leur chevelure  
tressée de patience

Todas as manhãs  
o sol irrompe em casa de Si Lmokhtar  
rouba a memória do espelho  
vai pelo escadote acima  
e desaparece rindo

O silêncio de uma estrela  
em troca de um pouco de água

Tous les matins  
le soleil entre chez Si Lmokhtar  
pille la mémoire du miroir  
monte sur l'échelle  
et s'en va en riant

Le silence d'une étoile  
échangé contre un peu d'eau



Crianças apaixonadas pela terra  
caminham pé descalço sobre a húmida greda  
o destino delineado  
na asa do pássaro migrante

Ao longe  
o dia debruça-se  
para apagar a pobreza  
e amontoar os figos secos da morte

Des enfants amants de la terre  
marchent le pied nu sur l'argile humide  
le destin tracé  
sur aile d'oiseau migrateur

au loin  
le jour se penche  
pour effacer la pauvreté  
et ramasser les figes sèches de la mort

Viro costas à cidade  
e falo com o mar  
devolvida a voz  
como a onda  
os detroços guardaram as cicatrizes  
de memórias vagabundas  
a espuma vem depositar o sal na âncora  
espantinho das crianças órfãs

Je tourne le dos à la ville  
et parle avec la mer  
retournée la voix  
comme la vague  
les épaves ont gardé les cicatrices  
des mémoires vagabondes  
l'écume vient déposer le sel sur l'ancre  
épouvantail des enfants orphelins

A cidade fecha as portas  
sobre as crianças de grande inteligência  
ajudantes de padeiro  
engraxadores  
guardas de parques de estacionamento  
sorriso na barba esbranquiçada  
ofensas do céu  
cobrindo-se de ébrios pássaros  
para esquecer os ventos  
que vieram polvilhar a miséria  
e levar as raparigas que desenterram fogosos corações

La ville ferme ses portes  
sur les enfants au front immense  
mitrons  
cireurs  
gardiens de voitures  
rire dans la barbe grise  
blessures du ciel  
qui se couvre d'oiseaux ivres  
pour oublier les vents  
venus saupoudrer la misère  
et prendre les filles qui déterrent les cœurs chauds

Tive de me enrolar  
com minhas muralhas numa bruma de verão  
sudário vermelho ou branco  
para nunca mais acolher  
camelos cegos  
nascidos  
de um estranho naufrágio  
para recordar  
minha origem vagabunda

J'ai dû  
me rouler avec mes remparts dans un voile d'été  
linceul rouge ou blanc  
pour ne plus abriter  
des chameaux aveugles  
nés  
d'un naufrage étrange  
pour me rappeler  
ma naissance vagabonde

A romã vermelha e sumarenta  
cheia de bagos e de recordações  
desmorona-se com a lua  
nas mãos das crianças nuas

La grenade rouge et juteuse  
lourde de grains et de souvenirs  
tombe avec la lune  
dans les mains des enfants nus



Na mercearia de Si Abdessalam  
há vinagre suave numa garrafa de plástico  
Nacional  
barras de sabão A Mão  
um saco de farinha Drissi  
fósforos O Leão  
uma barba grisalha sempre à solta  
uma mão aberta  
o olhar amigo  
fraternal como o sol  
e uma balança que separa o tempo

L'épicerie de Si Abdessalam  
Du vinaigre doux dans une bouteille en plastique  
National  
des portions de savon La Main  
un sac de farine Drissi  
des allumettes Le Lion  
une barbe grise toujours naissante  
une main ouverte  
le regard tendre  
amical  
fraternel comme le soleil  
et une balance qui sépare le temps

Ele abandonou a família  
deixou crescer a barba  
e encheu a sua solidão com pedras e sombra

Chegou ao deserto  
a cabeça enrolada num sudário  
o sangue derramado  
em terra ocupada

E não era  
nem herói nem mártir  
era  
cidadão do sofrimento

Il quitta sa famille  
laisse pousser la barbe  
et remplit sa solitude de pierres et de brume

Il arriva au désert  
la tête enroulée dans un linceul  
le sang versé  
en terre occupée

Il n'était  
ni héros ni martyr  
il était  
citoyen de la blessure



O cortejo de mulheres vestidas com panos de lã  
leva o seu quinhão de laranjas, de figos, de azeitonas e de açúcar  
ao homem ausente  
partiu para longe no frio e na solidão  
para extrair a hulha e o tempo  
das húmidas trevas

Le cortège de femmes drapées de laine  
apporte sa part d'orange, de figue, d'olive et de sucre  
à l'homme absent  
parti loin dans le froid et la solitude  
extraire la houille et le temps  
des ténèbres humides



A morte na mira de uma espingarda  
a cidade despedaçada  
por um grito  
um homem monta um cavalo louco  
desperta as pesadas pedras  
não se pode devolver à vida um corpo  
caído  
de costas ao mar

La mort au bout d'un fusil  
la ville dépecée  
par un cri  
un homme sur un cheval fou  
réveille les pierres lourdes  
on ne peut retourner un corps  
tombé  
le dos à la mer

O tempo escoa-se ao lado de uma barca  
tocada ao de leve pela areia  
os velhos pescadores  
os "mojahidines"  
escutam o vento gretar as suas feridas  
outros  
nomeiam o sal  
depositado pela neblina  
sobre os terraços visitados pelo inverno  
que anuncia a morte  
num pingo de mel

Le temps passe à côté d'une barque  
léchée par le sable  
les vieux pêcheurs  
les « mojahidines »  
écoutent le vent gercer leurs blessures  
d'autres  
nomment le sel  
déposé par les nues  
sur les terrasses visitées par l'hiver  
qui dit la mort  
dans une goutte de miel

O muro  
vestido de cal  
conta os dias retidos na pedra  
envergonhado  
esconde a miséria e a mão que se ergue

Le mur  
habillé de chaux  
compte les jours captifs de ses pierres  
avec pudeur  
voile la misère et la main qui se lève

A mão  
vestígio de sol  
detém a muralha que avança  
é uma mão  
desmesurada como o sonho  
acolhedora como a floresta  
ela produziu  
pão que tem sabor a terra  
e a leveza dos céus

La main  
trace du soleil  
arrête le mur qui avance  
c'est une main  
grande comme le rêve  
tendre comme la forêt  
elle a fait  
du pain qui a le goût de la terre  
et le sel du ciel

Esta mão  
ergue-se com a alba  
faz três pães  
concebe todas as semanas  
uma memória tecida na lã  
é uma pedra recamada de estrelas  
pedra argêntea  
é a mão aberta de uma estação  
ao alcance da nuvem  
fissura em pleno céu

Cette main  
se lève avec l'aube  
fait trois pains  
enfante toutes les semaines  
une mémoire tissée de laine  
c'est une pierre étoilée  
pierre argentée  
c'est la main ouverte d'une saison  
à portée du nuage  
fissure dans le ciel



رَبِّكُمْ تَكْذِبِينَ ﴿٥٦﴾ مُتَكِبِينَ  
عَلَىٰ قُرْشٍ بَطَّالِيهَا مِنْ  
أَيَّامِ الْأَوَّلِ  
وَأَسْتَبْرَقِي ٥٧

دَانِ ٥٨



É o fim do lusco-fusco  
o peixe já chegou  
e o barco voltou a partir  
as últimas cintilações apagam-se  
um copo grande com chá  
para aquecer as mãos e a alma  
a palavra sincera  
olha-se o mar  
e fala-se do futuro  
joga-se às cartas  
esfuma-se um pensamento qualquer  
os gatos parecem lazúli  
não se olha mais o mar  
olha-se para a televisão

C'est la fin de la journée  
le poisson est rentré  
la barque est repartie  
les petits soleils s'éloignent  
un grand verre de thé  
pour réchauffer les mains et le front  
la parole nue  
on regarde la mer  
et l'on parle de l'avenir  
on joue aux cartes  
on fume quelque pensée  
les chats tirent l'azur  
on ne regarde plus la mer  
on regarde la télévision



Fui profeta da sabedoria e da verdade. Possuía as chaves da cidade. Senhor dos mares e dos pescadores. Sou hoje um cemitério de terracota. O mais belo cemitério onde vem desenvolver-se a loucura, onde dormem homens loucos de bondade, doentes por amor, doentes de razão.

J'étais prophète de la sagesse et de la vérité. Je possédais les clés de la ville. Maître des mers et des pêcheurs. Je suis aujourd'hui un cimetière en terre cuite. Le plus beau des cimetières où vient se dénouer la folie, où dorment des hommes fous de bonté, malades par amour, malades de raison.

Eu sou o louco d'Aïcha  
mais formosa que a lua  
pura como a loucura  
tivemos filhos mortos com as flores  
aqui estão eles  
suspensos na minha barba  
eu sou o louco de Rahma  
saborosa como o pão  
fértil como a terra  
pássaro dos meus olhos  
eles dizem que estou doido  
mas não é verdade  
grito choro e calo-me  
danço sobre a labareda  
e falo com os mortos

Je suis le fou d'Aïcha  
plus belle que la lune  
pure comme ma folie  
on a eu des enfants morts avec les fleurs  
ils sont là  
suspendus à ma barbe  
je suis le fou de Rahma  
bonne comme le pain  
fertile comme la terre  
oiseau dans mes yeux  
ils disent que je suis fou  
ce n'est pas vrai  
je crie je pleure et me tais  
je danse sur la flamme  
et je parle aux morts

eu sou um segredo que estremece  
um livro aberto para crianças medrosas  
sou o cemitério dos necessitados  
mas não sou uma aparição  
dizem  
depois de eu ter adormecido no regaço de Rouhania  
ele é filho da solidão  
sabes  
quando Nachoude, o velho pescador, morreu, levado  
pela espuma suja  
fizeram-lhe um pomposo funeral  
os gatos choraram  
e o mar retirou-se a perder de vista e a lua velou muito tempo  
a sepultura

je suis une clé qui tremble  
un livre ouvert pour les enfants qui ont peur  
je suis le cimetière des pauvres  
mais je ne suis pas une apparition  
on dit  
depuis que j'ai dormi entre les seins de Rouhania  
il est fils de la solitude  
tu sais  
quand Nachoude, le vieux pêcheur, est mort, emporté  
par l'écume grise  
on lui fit des funérailles grandioses  
les chats avaient pleuré  
la mer se retira du chant et la lune veilla longtemps  
sa tombe

eu sou a inércia criminosa e o exílio dos cães  
tenho a amizade dos gatos e dos pobres  
todas as minhas esposas me foram infiéis  
soçobraram numa insensível loucura  
das imagens e não das almas  
eles dizem que estou doido  
mas o que estou é sozinho  
um pouco triste  
escutai-me  
vou contar-vos tudo...  
eu tinha-lhe dado uma cabra...  
não  
não estou doido  
se me deres um cigarro eu continuo a história...

moi je suis le sommeil coupable et l'exil des chiens  
j'ai l'amitié des chats et des pauvres  
toutes mes épouses ont été infidèles  
sombrees dans une folie froide  
des images et non des âmes  
ils disent que je suis fou  
alors que je suis seul  
un peu triste  
écoutez-moi,  
je vais tout vous raconter...  
je lui ai donné une chèvre...  
non  
je ne suis pas fou  
donne-moi une cigarette et je continue l'histoire...

C O L E C Ç Ã O

---

## Águas, Luas Doidas

- 1 — O BARCO BÊBADO  
JEAN-ARTHUR RIMBAUD  
Tradução de Pedro José Leal  
Ilustrações de Augusto T. Dias
- 2 — A BARCA DA MORTE  
D. H. LAWRENCE  
Tradução de Rui Rosado  
Ilustrações de Ângela Solla
- 3 — ESTOU A ESCREVER-TE DE UM PAÍS DISTANTE  
HENRI MICHAUX  
Tradução de Aníbal Fernandes  
Ilustrações de Joaquim Bravo
- 4 — ARZILA: ESTAÇÃO DE ESPUMA  
TAHAR BEN JELLOUN  
Tradução de Al Berto  
Ilustrações de Luís Manuel Gaspar

COLECÇÃO

---

**Aguas, Luas Doidas**